

## Canzone di un emigrante

O último fim de semana de verão já respira um ar gelado, e não é preciso nem a chegada do inverno para que o espaço em torno do fogão a lenha esteja concorrido. Com a porta da frente fechada, cada um procura um lugar mais quente, se não ao lado do forno, no sofá ou nas cadeiras mais próximas. É domingo, e mais uma vez a família Bertoldi se reúne na casa do *nonno* e da *nonna* e, como sempre, todos aguardam por suas histórias. Apesar de já conhecerem a maioria delas, o *nonno* Hercílio sempre consegue surpreender, e dessa vez não é diferente.

Ele levanta, vai até a sala, e volta com um caderno velho. Nas últimas páginas mostra algumas anotações. São canções italianas, no dialeto trentino. Em vez de nos deixar ler, Hercílio prefere cantar. A voz é trêmula, mas o verso sai naturalmente. Enquanto alguns ouvem, o filho Lovídio tenta, de improviso, acompanhá-lo. E a *nonna* Santina se pergunta quando Hercílio havia escrito aquilo.

- Ma dove, Hercílio?

- In quel libro del Apostolado...

- Ma quando hai scritto?

- Ah, *nonna*! Isso era segredo do pai – responde Celina, filha do casal.

A música talvez tenha sido a melhor forma encontrada pelos imigrantes para descrever suas experiências em terras desconhecidas e a saudade do país de origem. É uma cultura de raiz, com uma letra intensa e carregada de história. São as melodias italianas que acompanham Hercílio desde criança, quando a música era tão comum quanto falar apenas o dialeto trentino em um país de língua portuguesa.

A família Bertoldi tem sua história diretamente ligada à região Trentina. Natural de Lavarone, no Trentino Alto-Adige, Marcelo Bertoldi, avô de Hercílio, foi um, entre milhares de emigrantes, a deixar a Itália em 1875, ano dos grandes êxodos europeus para a América. Assim como a maior parte dos italianos, Marcelo e a família buscavam no novo continente uma vida melhor, onde teriam, ao menos, trabalho para todos. Escolhida a América como destino, a família Bertoldi aportou no Brasil em 1875, se instalando na cidade de Nova Trento, no sul do país, onde Marcelo teve seus filhos com Bárbara Stolf, também emigrante trentina. Mais tarde, seu filho, chamado Secondo,

nome dado pela ordem de nascimento, o segundo, mudou-se para Botuverá, cidade onde nasceu Hercílio.

A rotina em Botuverá foi interrompida quando, em 1945, a família Bertoldi mudou-se para a região que chamavam de Salseiros, parte de terras entre Navegantes e Itajaí. Na época, Hercílio tinha 18 anos e após dois anos vivendo na localidade e ao retornar de um ano e um mês representando o Exército Brasileiro no Rio de Janeiro, mais uma vez, estava de malas prontas. Agora, para a cidade de Gaspar, no Vale do Itajaí, onde sua família vive até hoje.

Hercílio sempre foi de muitas histórias, diferente de seus antepassados, que pouco contavam sobre os anos que antecederam a imigração ou sua chegada até aqui. O pouco que Hercílio sabia era da profissão de alfaiate que seu avô, Marcelo, tinha na Itália, que ele chegou a servir o exército austríaco. Mas o que tinham em comum sempre foi a música e, por isso, Hercílio as registrava no caderno, como parte de sua história. Apesar de não ter vivido a imigração, aqueles versos, de alguma maneira, também eram lembranças suas.

Durante os anos em Gaspar, a família tornou-se cada vez mais brasileira, porém, bastam algumas palavras em italiano que o dialeto se transforma em língua oficial na casa de Hercílio. Quando estavam sozinhos, Hercílio e Santana, também descendente italiana com quem se casou em 1959, eram típicos trentinos:

- Ma dai, dai Hercílio.

Santina soltava sempre que apressava o *nonno* para algo.

- Ma va là, spetta Santana.

Logo devolvia o *nonno* pedindo calma.

No dialeto conversavam entre si e com quem mais compreendesse. E a música é um dos melhores recursos para manter a cultura trazida do Trentino. Nos versos de quem viveu o período das imigrações, as canções tradicionais italianas são resgatadas, ainda hoje, pelos netos mais novos de Hercílio.

- Quando era criança, minha família sentava na porta de casa e passava horas cantando canções em italiano.

As músicas são as mesmas que Hercílio escreveu no final do caderno velho que tem em mãos. É a maneira que encontrou de não esquecer as cantigas que seus avós trouxeram do Trentino. E é a mesma letra que lembrará a voz mais italiana da família Bertoldi. Eu também não esquecerei aquelas melodias. Poderia chamar de Hercílio àquele senhor de história fácil, de voz marcante, se não o conhecesse desde criança por *nonno*: a pessoa que ao fazer a sua própria história, tornou a minha possível – e ainda mais linda.

Todas as canções repassadas durante as gerações, e que escuto ao escrever a nossa história, fazem parte de quem somos hoje, do nosso legado. Uma herança que não está ligada a um título de nobreza. Mais precioso que tudo, deixaram-nos o testemunho de quem se encorajou a enfrentar o desconhecido. De um povo humilde, herdamos o mais alto título de grandeza, o relato de suas histórias, transformadas em música.

Chao chao chao  
 Bela moretina Chao  
 Qui prima de partira, que primad partira  
 Chao chao chao, bela moretina Chao  
 Qui prima de partira.  
 um baco ti veis dar.

uno ala mia mama.  
 e naltro al mio pupa.  
 e cento ala mia ibela, e cento ala mio ibe.  
 uno ala mia mama  
 e naltro al mio pupa  
 e cento ala mia ibela  
 e dopo fare il solda

la arita del soldado  
 la una arita santa  
 i magna e bevi i canta  
 pensieri no iguena

pensieri iguena uno  
 le quel de la imososa  
 i altri la fa sposa  
 e mi fare il solda

Uma das canções em dialeto trentino lembradas por Hercílio.